

## **FESTIVAL DE PARINTINS:<sup>1</sup>**

### **Do Olhar Folclorizado à Valorização de Saberes Ancestrais no Espetáculo**

Ádria Lorena Brasil Barbosa<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

A pesquisa propõe uma análise, com base na teoria da Folkcomunicação e da Folkmídia, de como o boi-bumbá de Parintins ressignifica saberes ancestrais da cultura indígena, que sai de uma visão folclorizada para uma perspectiva decolonial. Por meio da análise de toadas, a Cultura Popular se utiliza de aparatos tecnológicos para reverberar dizeres e fazeres de povos originários, com ênfase no protagonismo feminino. A Metodologia é de cunho qualitativo, com levantamento bibliográfico e crítico das letras. Pretende-se propor pesquisas em Comunicação que valorizem a escuta ativa, bem como reconheçam a diversidade cultural e narrativas de resistência de grupos marginalizados

**PALAVRAS-CHAVE:** Festival de Parintins; Saberes Ancestrais; Toadas; Protagonismo Feminino.

#### **INTRODUÇÃO**

O Festival dos bois-bumbás Caprichoso (boi preto, de estrela azul na testa) e Garantido (boi branco, de coração vermelho na testa) ocorre anualmente no último final de semana do mês de junho em Parintins, cidade do interior do Amazonas, distante 369km da capital, Manaus. A disputa acontece desde a década de 1960, com o passar dos anos ganhou corações de milhares de apaixonados e tornou o boi-bumbá símbolo da identidade Amazônica, hoje reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan.

À medida que a festa crescia, a mídia passou a divulgar amplamente os bois de Parintins para o resto do Brasil por meio de rádio, televisão, jornais, revistas e internet. Assim, Garantido e Caprichoso podem ser compreendidos como evento folkmediático na medida em que as trocas simbólicas de bens culturais com a mídia modificou o que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GT Beta: Comunicação Popular e Ativismos Midiáticos, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Graduada em Comunicação Social/ Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas/ICSEZ - Câmpus Parintins Contato: adria.barbosa@unesp.br.

antes era isolado, representativo de uma identidade coletiva e a moldou a um alcance mais amplo. Um processo através do qual uma manifestação popular de uma pequena cidade passou a comunicar-se com o país e o mundo.

Na presente pesquisa, destacamos a toada<sup>3</sup> como importante instrumento folkmidiático de difusão, descolonização e comunicação para com o público. Tendo em vista a teoria da Folkcomunicação em Beltrão (1980), a qual abarca os processos comunicativos populares e reconhece que os grupos humanos se comunicam por meio de suas manifestações. Conforme Schmidt (2007, p. 36) “a mensagem vai do local ao global e retorna ressignificada em sua originalidade pois estabelece interações mediatas para elaboração de seus bens culturais”.

Neste contexto, a Folkmídia, de acordo com Trigueiro (2008), nos permite abarcar os modos de apropriação e incorporação das manifestações culturais pela mídia e, em movimento inverso, como os protagonistas das culturas populares também se apropriam das novas tecnologias para reinventarem seus produtos culturais. Nogueira (2008) afirma que a apreensão das culturas populares só é possível ao entendê-las como agentes tradicionais modernos constituídos também através dos meios eletrônicos (é inegável que grande parte do crescimento e da difusão da cultura popular se dá por meio da indústria fonográfica).

Desta forma, analisamos duas toadas que compõem o item<sup>4</sup> “Figura Típica Regional” no Festival de Parintins, que segundo o Regulamento, é definido como o símbolo da cultura amazônica, na soma de valores com foco nos elementos que compuseram a miscigenação local. Nos interessa verificar como o boi-bumbá propaga, por meio dos aparatos midiáticos e em constante troca com a Indústria Cultural, saberes ancestrais e ressignifica a visão do indígena, especialmente na figura da mulher, reconhecendo-as como guardiãs da cura sagrada e na valorização de seus territórios e vidas tradicionais.

## MÉTODOS

---

<sup>3</sup> Composição musical específica para a apresentação do boi-bumbá.

<sup>4</sup> O item no festival folclórico de Parintins é cada componente ou coletivo que representa um personagem ou grupo da apresentação de cada boi-bumbá.

A pesquisa é de cunho qualitativo, com revisão bibliográfica e crítica das letras das toadas dos bois Caprichoso e Garantido de Parintins, numa perspectiva da Folkcomunicação e da Folkmídia, visualizando a capacidade de interação e apropriação da Cultura Popular dos aparatos midiáticos para comunicar-se com seu público.

## RESULTADOS

A toada Majés (a palavra “majé” é a expressão feminina de “pajé”), composta em 2025, contou com a participação das Suraras do Tapajós<sup>5</sup>, conforme trecho da letra:

**FIGURA 1: Um dos módulos alegóricos da Figura Típica Regional Majés**



**Fonte: Wigder Frota**

Luz da vela brilha a noite (Ô-ô-ô)  
A minha fé a alumiar (Áh-áh-áh)  
Para a corrente de cura acontecer  
É reza, é pena, maracá!  
Banho de cheiro, banho de cheiro  
Vem cabocla no terreiro  
Vem ligeiro, vem curar

Banho de cheiro, banho de cheiro  
Vem cabocla rezadeira  
É ensinança popular

---

<sup>5</sup> Grupo musical indígena feminino, oriundo de Alter do Chão, Santarém/PA. Primeiro grupo de carimbó formado exclusivamente por mulheres indígenas no Brasil, utilizando a música como ferramenta de resistência e empoderamento, além de defender os direitos das mulheres indígenas, o território e o meio ambiente.

É Majé, é mulher  
Vem! Ensina com tuas feitura  
Nesse puxirum de cura  
Dom de amar e curar Acalanto no olhar  
O sorriso de Calá Traz a paz e alegria

Parteira, erveira, benzedeira  
Cantadeira, juremeira  
Vem Majé, vem curar  
Te mete com minha cajila  
Que chama a alegria  
Vou te conquistar (...)  
(Bastos; Gaspar, Dabela, 2025)<sup>6</sup>

A toada “Artesãs Indígenas” do Boi Garantido foi gravada na voz de Márcia Siqueira, com as participações da Liderança Indígena das mulheres Moy Sateré e artesãos Yará, Inara e Turí Sateré-Mawé.

**FIGURA 2: Um dos módulos alegóricos da Figura Típica Regional Artesãs Indígenas**



**Fonte: Wigder Frota**

(...)  
Tecelã Sateré-Mawé  
Em suas mãos o tucum e o Arumã  
Jamais vão se calar

Ceramistas baniwa  
Moldam no barro  
A força do povo indígena  
Na plumária Hiskariana  
Os cocares ganham vida na arte milenar

<sup>6</sup> Disponível em <https://bit.ly/toadamajes>

Das mulheres de fibra e coragem  
Que adornam e vibram os maracás  
Ohpekô diâ Mahsa Numiã  
Artesãs indígenas  
Ensinam suas filhas  
A extrair a fibra da palha do Buriti  
A geometria do casco do jaboti

Em cada pele um grafismo  
Contando uma história  
Em cada trançado  
Resistência e memória

É o poder das sementes que brilham  
Nas mãos da Artesãs  
Mestras do boi Garantido  
As parentas que fazem  
A arte que vem do coração da Floresta  
E encanta os olhos do mundo (...)

(Matos et. al, 2025)<sup>7</sup>

Em ambas as composições verificamos a exaltação dos saberes e fazeres dos povos originários, tendo a mulher indígena como eixo central. Nakanome (2020) afirma que são inúmeras vozes do passado que permanecem nas pessoas e que têm influências no presente. Vozes familiares, míticas, lendárias, modos de trabalhar, da religiosidade, numa interação implícita entre comunidades possibilitando a troca de conhecimentos e saberes de geração a geração. Majés, conforme a Revista do Boi Caprichoso 2025, senhoras do ventre do mundo, que não dispõem da biomedicina e das tecnologias ocidentais, mas são agentes da cura milenar. A toada reconecta a força da natureza e da sabedoria ancestral de uma Amazônia afro-indígena, por vezes esquecida, traz dialetos indígenas, como “calá”, expressão utilizada pelas mulheres que realizam curas. As “feituas”, ou seja, trabalhos realizados com benzeções, partos e outras atividades desenvolvidas por benzedadeiras, parteiras e curandeiras da Amazônia.

Artesãs Indígenas, de acordo com a Revista do Boi Garantido 2025, expressa o saber milenar transmitido de geração em geração. São grafismos, cerâmicas, cestarias, artes plumárias, colares, pulseiras, brincos, braceletes, cocares e maracás, que num passado colonial foram tomados para compor coleções em museus pelo mundo. Hoje,

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://bit.ly/toadaartesa>

reafirmam a identidade de diversos povos como: Tikuna, Kokama, Baniwa, Sateré-Mawé, Hixkaryana e muito mais que fonte de renda, carregam sua ancestralidade. As artesãs indígenas são guardiãs da floresta, onde sua Arte propaga a defesa da preservação.

Percebemos como a Cultura Popular, por meio da toada de boi-bumbá, nos permite redescobrir saberes e fazeres, olhar para os povos originários, comunidades quilombolas e ribeirinhas, reconhecendo-os não como grupos homogêneos ou atrasados, mas com características próprias, potentes e que muito têm a nos ensinar, especialmente no que diz respeito à floresta e à sabedoria ancestral. A divulgação e a interação desses bens culturais com a Indústria Cultural, seja pelo uso da internet: Instagram, Youtube, Facebook, aos quais os bois de Parintins interagem com seus torcedores, ou pela divulgação nos mais variados aplicativos de Streaming como Spotify, faz com que o Festival se conecte com o mundo e reverbere as vozes e escutas de uma Amazônia negada e por vezes esquecida pelo Brasil e o mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os povos indígenas do Brasil passaram por um longo processo de apagamento, que se reflete ainda hoje nos modos como indígenas são percebidos no Brasil e inclusive em manifestações da Cultura Popular, como o Festival de Parintins. Apesar de ter presença marcante na festa, desde a sua concepção amadora até o espetáculo apresentado atualmente, é importante destacar que essa percepção dos povos originários, até pouco tempo contemplava uma visão distante e estereotipada, onde os fazeres e modos de ser desses grupos reproduziam a ótica do colonizador.

Indígenas pouco tinham participação ou ocupavam espaços e vozes na festa dos bois de Parintins, inclusive nas letras entoadas, as quais narravam uma perspectiva colonial. Foi necessário, como expoente da identidade do Norte do Brasil, repensar e desmistificar o indígena na festa, da contemplação e representação folclorizada para inseri-los como sujeitos comunicantes, onde manifestam a diversidade de suas visões de mundo e empreendem narrativas de resistência, como na toada, importante instrumento de divulgação do boi-bumbá e seus modos de dizer ou entender povos originários na manifestação.

Hoje, ambas as Associações contam no Conselho e Comissão de Artes<sup>8</sup> com mulheres indígenas que integram o grupo e contribuem com a construção dos Projetos de Arena, que se reflete na maneira como percebemos o protagonismo feminino indígena no espetáculo. Tais atitudes refletem maior comprometimento da festa enquanto Arte como instrumento de educação, fortalecimento, afirmação e alinhamento dos povos originários e o boi-bumbá e nos abre possibilidades de estudos que contemplem e reconheçam a Cultura Popular como aliada no processo de valorização e protagonismo dos saberes e fazeres ancestrais.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Geovane; GASPAR, Ligiane; DABELA, Júnior. **Majés**: Senhoras da Cura. Parintins: Boi Bumbá Caprichoso, 2025. 3'52" min.
- BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- CONSELHO DE ARTES DO BOI CAPRICHOSO. **Revista Boi Caprichoso**. - Figura Típica Regional Majés, Senhoras da Cura. Ano 2025, junho de 2025, s.p.
- COMISSÃO DE ARTES DO BOI GARANTIDO. **Revista Boi Garantido**. – Figura Típica Regional Artesã Indígena. Ano 2025, junho de 2025, s.p.
- MATOS, Geandro et. al. **Artesãs Indígenas**. Boi Bumbá Garantido: Parintins, 2025. 3'36" min
- NAKANOME, Ericky da Silva. O boi-bumbá de Parintins como agente de educação patrimonial no estado do Amazonas. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH**, v. 4, n. 1, jan-jun, p. 151-176, 2020.
- OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. Meios de Expressão Popular. In: GADINI, Sérgio; WOITOWICZ, Karina (orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos Principais conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007, p. 67-70.
- PARINTINS, **Regulamento do Festival Folclórico de Parintins**, 2024.
- SCHMIDT, Cristina. Teoria da Folkcomunicação. In: GADINI, Sérgio; WOITOWICZ, Karina (orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos Principais conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007, p. 34-38.
- TRIGUEIRO, O. M. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2008.

---

<sup>8</sup> Tanto Conselho como Comissão de Artes nos bois referem-se ao grupo que estabelece, por meio de debate interno, o planejamento das três noites do boi de arena, com a inclusão dos seus respectivos subtemas, seguindo o formato ópera cabocla, criado por Simão Assayag, em 1996.